



Thaís Lemos Duarte: pesquisas e escritos sobre violência, justiça e tortura

Thaís Lemos Duarte: research and writings on violence, justice and torture

Maria Gorete Marques de Jesus 
mariajesus@ufscar.br
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Giane Silvestre 
silvestregiane@gmail.com
Universidade de São Paulo - USP

Ludmila Ribeiro 
lmlr@ufmg.br
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Eduardo Ramos Júnior 
88ramosjr@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

 10.52521/opp.v23n2.17400

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 23/02/2026

Aprovação do trabalho: 23/02/2026

Publicação do trabalho: 02/03/2026

Thaís Lemos Duarte faleceu precocemente em 31 de maio de 2023, vítima de leucemia aguda. Era graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutora em Ciências Sociais pela UERJ. Ao longo de sua trajetória acadêmica, coordenou e integrou diversas pesquisas sobre segurança pública e sistema de justiça criminal, além de atuar em organizações da sociedade civil e em órgãos de direitos humanos, como o Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura. À época de seu falecimento, realizava estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGS/UFMG). No plano pessoal, cultivou inúmeros laços de amizade, sempre marcados pela delicadeza e pelo cuidado.

Não à toa, a proposta desse Dossiê nasceu de uma conversa sobre como Thaís havia produzido inúmeras pesquisas e textos ainda inéditos. Discutíamos, também, a importância de organizar esse repertório, reunindo produções que revelassem a densidade e a potência de sua trajetória intelectual. Coincidentemente, pouco depois desse diálogo, recebemos por e-mail a divulgação da chamada da revista *O Público e o Pri-*

vado para propostas de dossiê, justamente uma das revistas com as quais Thais havia colaborado.

De imediato, elaboramos uma proposta e a enviamos à chamada. Os editores da revista responderam informando que seria possível realizar um dossiê em homenagem a Thais. A partir disso, mobilizamos as redes de contatos de Thais, envolvendo pesquisadoras e pesquisadores que haviam realizado pesquisas em parceria com ela e que permaneciam inéditas, bem como aqueles e aquelas com textos não publicados em coautoria, ou produções surgidas da convivência, do diálogo intelectual e da trajetória compartilhada com Thais.

O resultado foi emocionante. A cada texto recebido, reconhecíamos uma contribuição valiosa em múltiplos sentidos: intelectuais, acadêmicos, políticos e profundamente conectados à trajetória de Thais. Agradecemos às autoras e aos autores que submeteram seus trabalhos para este Dossiê, que se tornou um verdadeiro presente coletivo. Sabemos que ainda existem muitos outros textos e pesquisas com a participação de Thais que, por diferentes razões, não puderam integrar esta edição. Aproveitamos, portanto, para incentivar que essas produções sejam amplamente divulgadas no futuro. Também agradecemos às/aos pareceristas e aos editores da Revista, que desde o início abraçaram a ideia e nos auxiliaram durante todo o processo de construção do Dossiê.

Antes de apresentá-lo propriamente, apresentamos dois textos introdutórios. O primeiro, de Fernanda Machado Givisiez, lido na mesa de homenagem à Thais no Encontro Anual da ANPOCS de 2023 e gentilmente cedido para esta publicação. O segundo, escrito por Mariana, irmã de Thais, assume a forma de uma carta na qual ela se dirige à irmã para refletir sobre a conjuntura contemporânea, um mundo cujos rumos, contradições e disputas sempre lhe foram caros.

Na sequência, compartilhamos brevemente nossas próprias trajetórias e vínculos com Thais, os “nós” que temos com sua trajetória. Por fim, apresentamos o Dossiê, destacando, de maneira convidativa às leitoras e aos leitores, os artigos que compõem esta coletânea.

PARA JANAÍNA

Autora: Fernanda Machado Givisiez¹

Em seus últimos dias no hospital, Thais escreveu uma carta intitulada “Os meus últimos desejos”. Esse texto, como todos que ela produziu, era bem escrito, com toda

¹ É mestre em Direitos Humanos e Liberdades Públicas pela Université Paris X (Paris, França). Tem especialização em Administração Pública pela FJP e graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG, Belo Horizonte, Brasil). <https://orcid.org/0000-0002-3605-3361>. Email: fernandagivisiez@gmail.com.

objetividade, sagacidade e profundidade que Thais conseguia dar aos seus escritos e à sua vida (Thais foi uma das pessoas mais organizadas que já conheci). Naquele misto de emoções do momento, lembro-me de ter me emocionado ao ver que ela havia sido capaz de tocar de forma tão sensível, certa e brilhante, em pontos importantes da violência humana, ainda que fosse um texto difícil, por ser de despedida.

Nessa carta, ela expressou seus últimos desejos e um deles foi para que não deixássemos sua adorável sobrinha, Janaína, filha de Mariana e Vinicius, esquecer-se dela. Por isso, dedico esta homenagem à Janaína. Espero que, ao longo de toda a vida, Janaína tenha a Thais como referência, assim como a tia dela permanece para tantos.

Conheci a Thais, profissionalmente, quando nós duas nos tornamos peritas da primeira formação do Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura. Já tínhamos ouvido falar uma da outra, por nossa atuação profissional, mas nos conhecemos, pessoalmente, em 2015. Thais me impressionou logo de cara por sua dedicação, conhecimento, disciplina e compromisso ético com a temática. Thais é uma das poucas pessoas que conheço que consegue transitar tão bem entre a academia e a prática de políticas públicas. Levava seu olhar de pesquisadora para o dia a dia da construção de políticas públicas, assim como sabia aproveitar seu conhecimento prático para fortalecer suas pesquisas.

Construímos uma parceria maravilhosa em nossa época de Mecanismo. Realizar visitas em locais de privação de liberdade com a Thais era sempre um aprendizado imensurável. No momento da preparação da missão, fazíamos pesquisas profundas sobre o cenário a ser visitado. Thais sempre fez análises críticas aprofundadas e articulações importantes com os atores estaduais, que permitiam que, ao chegarmos aos territórios, tivéssemos uma visão alinhada com as demandas da sociedade civil e com os problemas históricos e estruturais que provocam a tortura no país.

Thais sempre teve um olhar e sensibilidade aguçados para dialogar com as pessoas em privação de liberdade e, em seguida, construir propostas que abarcassem o enfrentamento a questões estruturais, como o debate essencial sobre desencarceramento e redução de desigualdades, fundamentais para se prevenir a tortura.

Juntas escrevemos uma proposta de metodologia de inspeção para o Mecanismo, que acabou não usada pelo órgão, mas que pudemos compartilhar com vários parceiros que fizeram reverberar o trabalho, a partir de nossa experiência. Ainda hoje, vejo colegas utilizando essa metodologia para orientar visitas em locais de privação de liberdade, demonstrando como as produções de Thais sempre foram consistentes.

Depois do Mecanismo, Thais deu seguimento ao trabalho na academia e na prática, por meio de parcerias com outras pesquisadoras e organizações internacionais, cujo objetivo era transformar o cenário do país. Lembro-me dos nossos debates sobre a visão

eurocêntrica e pouco representativa do cenário brasileiro, de que a tortura seria um crime de oportunidade. No Brasil, a tortura é estrutural e resultado das desigualdades de classe, raça e gênero. Thais fez avançar muito o debate e sua partida tão prematura foi uma perda sem tamanho para esse campo de pesquisa.

Thais e eu ainda trabalhamos juntas em outros espaços e compartilhamos a escrita de artigos. A característica principal de seu trabalho era a generosidade. Thais sempre foi generosa com seu conhecimento e, como feminista marxista, acreditava que as construções deveriam ser coletivas e que somente quando apoiamos umas às outras, crescemos juntas. Assim que receberam a notícia de sua partida, muitas pessoas que sabiam de nosso laço profundo de amizade vieram me procurar para falar da Thais. Todas repetiam como ela as havia ajudado em algum momento da carreira e diziam que, até mesmo quando ela estava no hospital, ela foi capaz de apoiar, construir junto e se doar para que os debates importantes sobre privação de liberdade, tortura e segurança pública pudessem seguir efervescentes e atuais. Sua inteligência, sua capacidade de produção e de análise crítica alinhadas à sua generosidade fizeram com que Thais conseguisse semear e expandir diálogos importantes sobre as temáticas que sempre foram objeto de seus estudos e trabalho.

Na nossa última parceria juntas, também com Eduarda Almeida e Natália Martino, construímos os parâmetros de inspeção em unidades socioeducativas. Foi um trabalho longo e de fôlego que trará avanços importantes para as inspeções, como instrumento de prevenção à violência contra adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. Os dois últimos manuais foram lançados em 2024, o que demonstrou como Thais traz impactos para a construção de uma sociedade mais justa. Seu legado é vasto e essencial.

Thais foi surpreendente e única em tudo que ela fez, na sua produção acadêmica, na potência do seu trabalho, na forma como ela enfrentou a doença que a levou tão cedo. Tenho certeza de que seu trabalho será exaltado durante muitos anos, por isso quero também falar da minha amada amiga Thais.

Thais era carioca da gema, mas se naturalizou mineira (como ela mesma dizia!). Era amante de literatura, de música, sobretudo Milton Nascimento e Mercedes Sosa e nunca perdia uma briga justa. Fizemos diversas viagens juntas, reais e imaginárias, e pudemos aprofundar nosso olhar amoroso e crítico pelo mundo. Conviver com a Thais sempre foi um lugar caloroso e terno de se estar. É certo que tê-la perto de mim me transformou profundamente. E ela me ensinou ainda mais durante o tratamento, quando tivemos tempo para conversar sem pressa e refletir sobre a vida e nossas escolhas. Estivemos juntas em diversos momentos difíceis, dolorosos, mas igualmente belos e singelos. Que honra desmedida a minha.

Thais foi para mim uma amiga com quem dividi, além do trabalho, a vida. Cons-

truímos uma amizade genuína e me dói profundamente falar dela no passado. Ela está e estará sempre presente em mim, colada em minha alma. Eu aprendi um mundo inteiro com a Thaís e sigo aprendendo e, mesmo após sua partida, ela continua provocando impacto significativo nos campos de pesquisa em que atuava. Thaís permanece existindo em nós, por tudo que semeou com tamanha generosidade e competência. Ela nos transformou e transformou o mundo.

JANAÍNA, que sua tia seja sempre seu norte e exemplo de amor, de luta, de compromisso com a justiça social e a ética. Que ela possa te guiar na construção de um mundo justo e solidário, no qual haja espaço para existências diversas.

CARTA A THAIS

Autoria: Mariana Lemos Duarte²

Irmã, nesses dois anos e muitos meses, muitas coisas acontecerem, mas ao mesmo, o tempo parou.

O mundo vem sendo atropelado. A inteligência caminha para ser ainda mais artificial; uma nação sem Estado é destruída para ser a nova Riviera; a fome virou arma de guerra e a população segue sendo dizimada, nosso presidente foi um dos primeiros a falar sobre genocídio (El país, 2025).

A guerra ao terror tomou uma face instagramável, onde a notícia em algoritmos é contada para alguns, a reeleição do presidente laranja deixou o mundo estranho, ele impôs tarifas absurdas para os produtos do Brasil em retaliação ao que a Justiça tem feito ao Bolsonaro (The White House, 2025; The Guardian, 2025). Não falo mais de política na internet, muitas pessoas não falam mais o que pensam on-line.

A polícia de imigração americana ganhou o direito de prender e interrogar pessoas que apresentem feições latinas³, o racismo escancarado toma força com a barbaridade. A inteligência artificial agora é aplicativo e escreve textos e faz vídeos (Marr, 2023). Entrevistas de emprego são feitas por máquinas virtuais. O capitalismo está na sua melhor fase, com reuniões de multibilionário na Casa Branca e bajuladores fazendo brindes ao homem laranja (The guardian, 2025). Muita gente boa foi para o seu lado, Mujica (Le mond, 2025), Hereto Pascoal (The guardian, 2025), o papa Francisco (Vatican New, 2025).

2 Mariana Lemos Duarte. Graduada em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Biologia Celular pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), doutora em Bioquímica pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou treinamento de pós-doutorado em Oncologia Molecular no Hospital Sirio Libanês (SP) e em Farmacologia no Icahn School of Medicine at Mount Sinai (NYC). Mora há quase 10 anos em Nova Iorque onde trabalha como neurocientista e professora de Anatomia e Fisiologia. Mariana é, antes de tudo, irmã de Thaís e da Lívia. Mãe de Janaína.

3 SUPREME COURT OF THE UNITED STATES. Opinion – 25A169 (Decisão). Disponível em: https://www.supremecourt.gov/opinions/24pdf/25a169_5h25.pdf. Acesso em: 9 out. 2025.

Enquanto o mundo segue atropelando, o Brasil segue firme, nosso presidente em discurso a ONU falou com coragem o que todos deveriam dizer (United Nations News, 2025). Senti orgulho de ser brasileira. Bolsonaro está inelegível e preso.

O cinema brasileiro ganhou seu primeiro Oscar (Academy of motion picture arts and sciences, 2025). Os últimos filmes lançados falam sobre a ditadura e a importância da memória. Nesse ano de 2025, o filme do Kleber Mendonça comenta sobre a vida da geração em que crescemos e de como o silêncio sutil da ditadura esteve presente no nosso cotidiano (Festival de Canes, 2025). Sabíamos o que era, mas parecia que ela tinha acontecido no vizinho e não em casa. Com a prisão do Bolsonaro, o Brasil voltou a falar do erro que foi a anistia (G1, 2025; Bbc News, 2025).

A camisa da seleção tem voltado a ser de todos.

Nesses últimos dias, aprendemos que Milton está perdendo a memória (Braun, 2025).

Janaína aprendeu sobre a morte por causa do Hermeto Pascoal. Ela ouviu na televisão sobre a partida dele e me viu comentando que estava triste. Ela que não gosta de me ver chorar perguntou o porquê que ele tinha morrido. Ela que já viveu sua morte não associa a sua perda a finitude. Mas se entristece em saber que alguém pode morrer. Para Janaína, tia Titi está sempre presente.

Agora, sentada na varanda, escuto o barulho da rua. Vejo um pássaro voar no céu. A delicadeza do vento sobre as folhas das árvores. O sorriso da Janaína. O olhar de ternura da bebezinha. A vida segue pulsando.

A revolução está nos detalhes, a ternura e alegria são formas de resistência, a inteligência está em ver o mundo cru, as vezes cruel, e seguir firme, com garra e gana de viver. Esses ensinamentos, irmã, aprendi contigo e são sua maior herança.

Te amo para sempre.

Mariana

“Nós” com Thais

Aqui, cada um de nós escreveu a sua própria trajetória com Thais. Claro que não cabe tudo, mas buscamos trazer uma história sucinta desses encontros, e elas são narradas como nós. O “nós” que nos atravessa é polissêmico. Há o sentido mais explícito e imediato: nós com Thais, na dimensão pronominal, na experiência concreta do estar com ela. Mas há também o “nós” como aquilo que conecta, que cria e sustenta ligações. O ponto em que as linhas se encontram, se entrelaçam e se expandem. Esse nó que Thais sabia dar como ninguém.

Existe, ainda, o “nós” como afeto e como coletivo: estar junto e fazer junto, parti-

lhar tempos, ideias e inquietações. É nesse emaranhado de sentidos, de nós com Thaís, e de nós que se fazem com ela, que narramos as nossas histórias.

Ludmila Ribeiro

Meu primeiro encontro com Thaís ocorreu em 2007, quando eu era doutoranda em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), hoje Instituto de Estudos Políticos e Sociais (IESP) e ela cursava Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com o curso de Direito trancado. À época, Thaís era bolsista de Iniciação Científica no Laboratório de Análise da Violência (LAV), enquanto eu acabara de receber uma bolsa de doutorado sanduíche na Flórida, nos Estados Unidos. O desafio era que minha coleta de dados estava em andamento no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, e Thaís ficou responsável por me auxiliar nessa empreitada, garantindo que, ao retornar dos Estados Unidos, eu tivesse material suficiente para realizar a análise de dados.

O resultado não poderia ter sido mais positivo: ao voltar, não apenas dispunha dos dados necessários para minha tese, como também publicamos o primeiro de diversos artigos que viríamos a produzir juntas (Ribeiro; Duarte, 2009). Assim começava uma parceria intelectual que se estenderia por anos, embora a amizade só se consolidasse quando Thaís se tornasse mineira, quase uma década depois. Em parte, isso aconteceu porque o período final do doutorado nem sempre é simples, e confesso que, naquele momento, talvez eu não tivesse a percepção do potencial da amizade de Thaís, influenciada pelos zumbidos masculinos que tantas vezes atravessam as redes femininas. Ainda assim, eu a convidava para diversos projetos cariocas, porque admirava a forma como ela colocava questões que precisavam ser melhor refletidas.

Não à toa, ela foi docente do curso para a Guarda Municipal de São Gonçalo, que coordenei pelo Viva Rio em 2010, e, posteriormente, pesquisadora do estudo sobre o Ministério Público, que coordenei pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CE-SeC), iniciado em 2012 e concluído muitos anos depois (Sesec segurança, 2026). Durante esse tempo, Thaís concluiu a graduação em Ciências Sociais, ingressou no mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e desistiu definitivamente da graduação em Direito, afirmando que preferia pesquisar sobre ele a ser apenas mais uma das nossas interlocutoras de pesquisa. Posso dizer que parte dessa frustração com o mundo jurídico eu também compartilhava, e talvez tenha sido essa afinidade que mais nos aproximou em nossas pesquisas cariocas, que reverberaram em reflexões acadêmicas sobre as permanências da desigualdade social brasileira dentro do processo penal (Ribeiro; Duarte, 2011).

Em 2016, quando eu já estava consolidada na Universidade Federal de Minas Ge-

rais e o projeto sobre o Ministério Público que coordenava pelo CESeC finalmente se encerrava, tomamos um café no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) de Belo Horizonte. A partir desse encontro, construímos uma amizade marcada por trocas constantes, companheirismo e, sobretudo, cumplicidade.

No plano profissional, Thais tornou-se residente de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais em 2018. A partir de então, desenvolveu uma série de projetos de pesquisa que combinavam rigor acadêmico, engajamento social e diálogo com movimentos e instituições. Nesse período, também nos engajamos intensamente na submissão de editais de financiamento de pesquisa, com ganhos e perdas, consolidando uma produção acadêmica de referência sobre os estudos prisionais. Ela me ajudou a organizar atividades de extensão e divulgação científica, como o CRISP Apresenta (2018), iniciativa de compartilhamento dos resultados de teses e projetos financiados por recursos públicos, e a colocar o projeto *Erasmus-Success* em prática, especialmente em sua dimensão de pesquisa, organizando *workshops*, atividades de ensino e relatórios de mapeamento de capacidades.

Ao mesmo tempo, Thais colaborou em pesquisas sobre o impacto da Covid-19 em espaços de privação de liberdade e periferias urbanas, como nos projetos “Os muitos governos da pandemia”, que analisou gestões extraestatais em territórios urbanos do Brasil e da Argentina a partir de narrativas jornalísticas, e “Pandemia e Segurança Pública” e “Por Elas: pandemia e segurança”, ambos vinculados ao Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP), que documentaram os efeitos da crise sanitária na vida de profissionais da segurança e na sociabilidade da população encarcerada.

Nessa época, nos reuníamos semanalmente via *Zoom* para o Grupo de Pesquisa sobre o Sistema Prisional, com alunas de graduação, mestrado e doutorado. Estudávamos a constituição e funcionamento das prisões, as condições de encarceramento e de trabalho dos policiais penais, bem como as externalidades negativas do encarceramento feminino sobre as famílias das periferias. Foi a partir dessas reflexões que Thais estruturou uma série de artigos que seriam publicados durante a sua internação e, infelizmente, após a sua morte – inclusive neste Dossiê em sua homenagem. Paralelamente, desenvolvemos pesquisas sobre o crime organizado em Minas Gerais e na estruturação da pesquisa que, apenas no ano passado, colheu seu primeiro fruto: a análise do PCC na percepção judicial por meio do escrutínio de acórdãos publicados em todos os tribunais de justiça estaduais, bem como nos tribunais superiores (Ribeiro; Matosinhos; Duarte, 2025).

Após deixar o Mecanismo de Prevenção e Combate à Tortura, Thais ingressou no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Em 2018, seu companheiro decidiu prestar concurso para uma universidade pública em Minas Gerais, sendo aprovado em 2019. Com isso, Thais resolveu fincar raízes e criar uma nova vida, em que os voos e as mudan-

ças de residência não fossem tão constantes. Queria também construir uma nova família, cercar-se de amigos, pets e, futuramente, filhos.

Nesse período, eu vinha de experiências muito dolorosas, como a frustração de não conseguir levar uma gestação até o final, e ainda enfrentava o desafio de manter a vida nesse turbilhão de emoções. Talvez eu não fosse a melhor confidente desse processo, mas trocávamos muito: ela queria postergar a gravidez, e eu dizia que era melhor encurtar a espera, numa tentativa de poupá-la do caminho das pedras que eu própria tinha percorrido. Durante a pandemia, Thais engravidou, e vivemos momentos de pura alegria, seguidos por choro desenfreado diante do aborto espontâneo, pouco antes de um encontro on-line da ANPOCS, que gerou uma hemorragia sem fim. Vieram a transfusão de sangue, que me pareceu um pouco fora de lugar, e a insistência de Thais em procurar um hematologista em Belo Horizonte. Mal sabíamos nós o que estava por vir.

Foram afagos à distância, com cestas de café da tarde quando ela estava incomunicável, e cafés presenciais cheios de desejos de boa sorte na nova etapa do tratamento. Eram conversas pessoais, entremeadas de preocupações com a possibilidade de novas bolsas de pesquisa para ajudar no pagamento do apartamento em Belo Horizonte. Eram falas intermináveis sobre os sorrisos que ser tia nos proporciona, mas também sobre o medo e a dor da maternidade negada. Uma semana antes do seu falecimento, ela me mandou uma mensagem me lembrando de um compromisso de trabalho, e eu pedi que ela se esquecesse disso e me dissesse como estava. As últimas palavras dela foram: “Agora, estou bem melhor. Daqui a pouco já tô aí de novo”.

Em parte, Thais permanece conosco. Nas publicações dos projetos que ela iniciou, nas pessoas que me apresentou, como a Go e o Edu, na Duda Almeida, que ela me apresentou para fazer doutorado no PPGS e que defendeu no ano passado (agora mais uma doutora desafiando a academia e seus machismos cotidianos), na contínua oferta de formação no “Cadê os Meus Direitos?”. Ela permanece nas conversas imaginárias que tenho com ela todas as vezes que presencio bobagens em congressos, seminários ou no cotidiano da academia. Lembro dela também na nossa saída do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) para fundar a Rede Feminina de Pesquisa sobre Violência, Justiça e Prisões (REDE FEMJUSP). Não à toa, a nossa sala de pesquisa é em homenagem a ela. Assim, meu maior desejo é que seu legado pessoal se reflita nas novas gerações de mulheres, como suas duas sobrinhas, e que seu legado intelectual permaneça entre nós, na rede de afetos, saberes e trajetórias que ela soube unir com sensibilidade e generosidade. Obrigada, minha querida amiga, por me ensinar tanto.

Maria Gorete M. de Jesus

Conheci Thais no processo seletivo para a escolha dos primeiros peritos do Meca-

nismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura (MNPCT), criado pela Lei nº 12.847/2013, que instituiu o Sistema Nacional de Prevenção e Combate à Tortura (SNPCT). À época, eu fazia parte do Comitê Nacional de Prevenção e Combate à Tortura (CNPCT) e integrava a comissão responsável pela seleção dos peritos.

Na entrevista de Thais, então uma das candidatas à vaga, ela imediatamente chamou nossa atenção. Apresentava um conhecimento do campo carcerário que ia muito além do repertório acadêmico, articulando sensibilidade, experiência e consciência dos desafios concretos de enfrentar o cotidiano violento dos presídios. Respondeu às perguntas de forma precisa e bem articulada, demonstrando uma grande bagagem teórica e prática sobre a temática da tortura, além de qualidades importantes para a composição do Mecanismo. Não tivemos dúvidas: Thais Lemos Duarte precisava integrar aquele órgão.

Concluída a fase de seleção, aproximei-me de Thais quando propusemos a elaboração de um Protocolo de Ações Conjuntas entre o Comitê e o Mecanismo. Embora ambos tenham sido criados pela Lei nº 12.847/2013, suas naturezas institucionais e formas de atuação eram distintas, ainda que potencialmente intercambiáveis. No entanto, enfrentamos inúmeros obstáculos para o avanço dessa proposta, sobretudo no campo político.

O ano de 2016 foi marcado por um contexto de instabilidade política, com o golpe que resultou no impedimento do governo Dilma Rousseff. Nesse mesmo período, encerrava-se meu mandato como representante da sociedade civil no Comitê, o que foi um dos motivos da minha saída do órgão. Ao deixar o CNPCT, conversei com Thais sobre essa decisão e, mesmo à distância, continuamos a nos falar esporadicamente, sobretudo trocando ideias e vontades sobre a possibilidade de trabalharmos juntas em reflexões mais críticas acerca da temática da tortura.

Anos depois, foi Thais quem me procurou para comunicar que também deixaria o Mecanismo. Nessa conversa, retomamos nossos interesses comuns em aprofundar análises críticas sobre o enfrentamento da tortura no Brasil. Foi quando Thais me disse: “Gorete, poderíamos escrever um artigo, o que você acha?”. Quem me conhece sabe que um convite como esse nunca passa despercebido. Engajei imediatamente na ideia e a tomei como um propósito.

A partir daí, formulei uma sugestão de texto, propondo que aprofundássemos as reflexões sobre o conceito de tortura e a atuação dos órgãos responsáveis por seu enfrentamento. Enviei a proposta por escrito e, quase imediatamente, Thais me respondeu com novas ideias e com um texto pronto. Ela sempre fazia isso. Eu dizia que ela era uma verdadeira “bordadeira de palavras”, capaz de transformar, com impressionante facilidade, ideias densas e reflexões complexas em textos claros, sensíveis e profundamente articulados. Combinamos reuniões e, a partir dali, iniciamos uma agenda de reflexões e

ações em torno dessa temática.

Eu adorava trabalhar com Thaís, não apenas por sua eficiência e prontidão nas respostas, mas porque os diálogos com ela me faziam pensar de verdade, pensar profundamente. Eu a admirava não apenas pelo fôlego intelectual, mas também pela sensibilidade e pela habilidade de abordar temas tão duros de forma didática, clara e politicamente comprometida. Sua agudeza analítica sempre me despertou admiração.

Em 2020, com a chegada da pandemia, muitas coisas aconteceram e nos aproximaram ainda mais. Passamos a nos falar praticamente todos os dias. Quem me conhece também sabe que sou adepta de mandar áudios, e foram muitos. Eu dizia a Thaís que enviar áudios era uma forma de sobreviver ao isolamento imposto pela pandemia, um modo de me manter próxima das pessoas. Essa convivência intensificada deu origem a uma amizade muito bonita, a um laço afetivo profundo e verdadeiro.

Durante esse período, realizamos juntas diversas iniciativas: organizamos um Seminário Internacional⁴; criamos o curso “Desafios para enfrentar a tortura no Brasil” para o Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM)⁵; organizamos um dossiê em parceria com Mayara Gomes (Duarte *et al.*, 2021); escrevemos uma série de artigos resultantes de nossas reflexões e pesquisas (Jesus; Duarte, 2020; Duarte; Jesus, 2020; Marques de Jesus; Duarte; Gomes, 2020; Jesus; Duarte; Godoi, 2021; Duarte; Jesus; Gomes, 2021; Jesus; Silvestre; Duarte, 2023; Jesus; Duarte; Gomes, 2024; Jesus; Silvestre; Duarte; Ronsbo, 2022); além de artigos para jornais e revistas, especialmente por ocasião do 26 de junho, Dia Internacional das Nações Unidas em Apoio às Vítimas de Tortura, e sobre episódios de violência estatal (Jesus; Duarte, 2020; Santos; Jesus; Duarte, 2020; Duarte; Martino; Jesus, 2021; Duarte; Jesus, 2021; Duarte; Jesus, 2022), além de podcast sobre o tema⁶. Também elaboramos diversos projetos de pesquisa em conjunto, entre eles o financiado pela organização Danish Institute Against Torture – DIGNITY, um dos mais frutíferos, contando ainda com a parceria fundamental de Giane Silvestre (Jesus; Duarte; Silvestre, 2021; Jesus *et al.*, 2022). Tínhamos a proposta de construir uma agenda e uma rede de pesquisa sobre a tortura no Brasil.

No entanto, o diagnóstico de Thaís veio e com ele nossa total apreensão. Fiquei profundamente abalada quando ela me contou. Não sabia o que fazer. Queria tranquili-

4 NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA DA USP (NEV-USP). Caminhos e Descaminhos: Da prevenção à Tortura. YouTube. Mesa 1 – 4pD_GUXJQ80 [vídeo]. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4pD_GUXJQ80. Acesso em: 20 fev. 2026. YouTube. Mesa 2 – Pb7xnmJzYYY [vídeo]. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pb7xnmJzYYY>. Acesso em: 20 fev. 2026. YouTube. Mesa 3 – KYz7BpdW_Xg [vídeo]. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KYz7BpdW_Xg. Acesso em: 20 fev. 2026.

5 IBCCRIM. Lançamento do Curso: Desafios para enfrentar a tortura no Brasil [vídeo]. YouTube, 26 de jun. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-6rtOUGxVfA>. Acesso em: 20 fev. 2026.

6 NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA DA USP (NEV-USP). A luta contra a tortura é um dos primeiros movimentos de Direitos Humanos | Cidadania XXI 2.1. Episódio 2 [vídeo]. YouTube, 26 jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zePlpWV5Znl>. Acesso em: 20 fev. 2026.

zã-la, mas eu mesma tinha medo do que poderia acontecer com a minha amiga. Passei a mandar mensagens todos os dias, não mais para tratar de trabalho, mas para saber como ela estava, falar de coisas triviais da vida, trocar confidências. Foi um período extremamente difícil e sensível. Nessa mesma época recebemos uma notícia que deixou Thais muito feliz, a de que tínhamos ganhado menção honrosa no Prêmio em Direitos Humanos Paulo Sérgio Pinheiro (2021) no 45º Encontro Anual da ANPOCS⁷. Mesmo hospitalizada, iniciando os tratamentos, Thais fez questão de participar da premiação, e foi lindo e emocionante.

Depois, foram várias as suas idas e vindas ao hospital. Talvez ninguém melhor do que a própria Thais para falar sobre esse momento. Ela escreveu, em seu blog “Thais Duarte: escritinhadora errante”⁸, que contém um pouco de sua história e muito do momento que estava atravessando. Convido a leitora e o leitor a visitarem esse espaço e conhecerem Thais Lemos Duarte por ela mesma.

Apesar de sua partida, Thais segue presente de muitas maneiras. Este dossiê é uma delas: um presente ainda vivo, pulsante no campo acadêmico. Thais foi especial para mim, inclusive nos concursos que prestei. Conversávamos longamente sobre a dureza desses processos, muitas vezes injustos e extenuantes. Ter trabalhado com Thais me ensinou a escrever artigos, a pensar projetos e a atuar de forma acadêmica e militante, algo decisivo para minha aprovação no concurso para a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde atualmente atuo como docente e pesquisadora.

A partida de Thais ainda dói muito. É difícil acreditar que já se passaram quase três anos sem trocar mensagens de áudio com ela. Recuperar essa trajetória compartilhada, que não cabe neste texto porque transborda suas margens, não foi uma tarefa fácil. A todo momento, respiro fundo para conseguir retomar a escrita: a emoção me invade, eu paro, respiro e sigo.

Só tenho a agradecer por tudo o que aprendi com Thais, por ter me aproximado de pessoas tão especiais, como a Ludmila, o Edu, a Nanda, a Duda e de suas irmãs, Mariana e Lívia. Somos muito mais do que redes de pesquisa, somos nós afetivos. Aprendi muito com Thais como acadêmica e cientista social, mas também como pessoa e como amiga. Obrigada, Thais.

7 ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Abertura do 45.º Encontro Anual e Cerimônia de Entrega dos Prêmios ANPOCS de Excelência Acadêmica. YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zfMdjaM-Sf8>. Acessado em: 20 fev. 2026.

8 DUARTE, Thais Lemos. Meandros de um rio: Notas de uma vida atravessada. Thais Duarte: escritinhadora errante, [s.l.], 24 mai. 2023. Disponível em: <https://thaisescritinhadora.blogspot.com/?m=1>. Acesso em: 24 fev. 2026.

Giane Silvestre

A primeira vez que vi e conversei com Thaís foi em 2009, quando eu ingressei no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS-UFSCar). Estávamos em Caxambu, Minas Gerais, no Encontro Anual da ANPOCS, em uma época em que todos os Encontros da ANPOCS aconteciam nesta pequena e agradável cidade no sul mineiro. Nós duas ainda não nos conhecíamos, mas estávamos assistindo à mesma sessão de um grupo de trabalho da nossa área de pesquisa. No momento do debate sobre os trabalhos apresentados, fiz uma pergunta para um dos pesquisadores e acabei mencionando algo sobre meu campo de pesquisa do mestrado, que estava apenas começando.

Ao fim da sessão, já do lado de fora da sala fui abordada por uma pesquisadora (tão jovem quanto eu à época) que se apresentou e começou a me contar sobre sua pesquisa de mestrado em andamento, cujo tema era o mesmo da minha: o impacto do encarceramento sobre as famílias das pessoas privadas de liberdade. A jovem pesquisadora era Thaís e, naquela primeira conversa, já fiquei impressionada pela sua generosidade ao compartilhar comigo os desafios que enfrentava em sua pesquisa e suas estratégias metodológicas para superá-los.

Os anos se passaram e não nos encontramos mais, mas me tornei uma leitora dos trabalhos de Thaís, com os quais muito aprendi. Nosso reencontro aconteceu anos mais tarde, novamente em um Encontro Anual da ANPOCS, o penúltimo que teve lugar na agradável Caxambu, quando eu, já na condição de pesquisadora de pós-doutorado, coordenei um Simpósio de Pesquisas Graduadas (SPG) no qual Thaís apresentou parte da pesquisa também de seu pós-doutorado. A pesquisa apresentada por Thaís era original, conduzida com um rigor metodológico característico de todos os trabalhos dela e, por uma feliz coincidência acadêmica, nossos temas se cruzavam novamente. A minha pesquisa de doutorado, recém-defendida à época, dialogava em muitos aspectos com a pesquisa apresentada por Thaís naquele SPG. Ao final da sessão conversamos bastante, relembramos do nosso primeiro encontro de anos atrás e compartilhamos diversas impressões sobre nossas pesquisas. Foi então que ela sugeriu: vamos escrever um artigo juntas? Prontamente aceitei e passei, então, a conhecer um dos traços mais marcantes da Thaís, que era sua incrível capacidade de trabalhar em parceria.

Depois desse reencontro presencial seguiram-se várias conversas e trocas de mensagens para fazer nosso primeiro artigo juntas acontecer. Eu estava em um momento conturbado da vida, com minha primeira filha ainda com poucos meses de idade, sofrendo as dores e delícias da maternidade e, sobretudo, sofrendo com a privação de sono típica dessa fase. Thaís foi extremamente compreensiva e liderou o processo de

escrita, respeitando meu tempo e minhas limitações daquele momento. Durante esse processo de escrita, por diversas razões, dentre elas a chegada de uma pandemia, minha vida ficou ainda mais conturbada e não conseguimos encaminhar nosso artigo para a publicação naquele momento. Hoje, este artigo foi revisado por mim e integra este dossiê e sua publicação me alegra por poder colocar no mundo um pouco mais das ideias e análises sociológicas que Thais tão bem conduzia.

Poucos anos depois, Maria Gorete, nossa amiga em comum, nos uniu novamente e serei eternamente grata a ela por costurar essa união tão frutífera. Nós três trabalhamos juntas intensamente durante meses para realizarmos uma pesquisa sobre redes de proteção e acolhimento a vítimas de tortura no Brasil (Jesus *et al.*, 2021) para a organização *Danish Institute Against Torture – DIGNITY*. Todo o trabalho foi feito remotamente, pois ainda estávamos atravessando a pandemia da Covid-19, sem perspectiva de vacina para a população. Nos reuníamos para coletar, discutir e analisar os dados, mas também para conversarmos (e muito) sobre o momento em que estávamos vivendo, sobre as perspectivas e esperanças em relação ao futuro e para comemorar pequenas vitórias cotidianas. Naquele momento eu estava grávida do meu segundo filho e conversávamos muito sobre a maternidade, um desejo que Thais nutria fortemente e que a sua partida precoce não lhe permitiu realizar. Após a conclusão da pesquisa e entrega do relatório à organização *Dignity*, passamos a nos reunir para pensarmos e escrevermos nossas análises sobre tudo o que coletamos e aprendemos com essa pesquisa. Nossa parceria produziu três artigos já publicados e mais um, que integra esse dossiê (Jesus; Duarte; Silvestre, 2021; Jesus *et al.*, 2022; Jesus; Silvestre; Duarte, 2023).

Além dos artigos, nossa parceria produziu um laço de amizade e sororidade que passou a nos conectar fortemente. Quando meu segundo filho nasceu, Thais teve a delicadeza de me enviar um presente, uma roupinha cuja marca tinha o mesmo nome do meu filho, demonstrando um carinho e uma sensibilidade que eram características marcantes de sua personalidade. Quando Thais recebeu seu diagnóstico e nos contou, foi um momento de grande apreensão, mas por algum motivo que até hoje desconheço, eu sempre tive a certeza de que ela seria curada. A partida de Thais não era uma possibilidade que eu sequer imaginava. Na mesma época em que Thais iniciou seu tratamento, recebemos a notícia de que nosso trabalho havia ganhado menção honrosa na primeira edição do Prêmio em Direitos Humanos da ANPOCS, aquele mesmo evento que mais de uma década atrás havia proporcionado nosso primeiro encontro. A cerimônia de premiação, assim como todo o Encontro da ANPOCS foi virtual naquele ano de 2021 e Thais fez questão de participar da premiação, mesmo hospitalizada.

Aliás, nem mesmo o tratamento e as frequentes hospitalizações conseguiram segurar a força da Thais, a sua disposição em trabalhar, escrever e lutar por tudo aquilo que ela acreditava. A Thais, sem dúvida, foi uma das pessoas que mais admirei na minha

vida profissional e pessoal. Quando penso em Thaís, imediatamente me vêm à mente sua força, competência e capacidade produtiva, tudo isso somado a uma sensibilidade ímpar e uma empatia que transbordava. Quando penso em Thaís, me indago como a vida pode ser tão injusta por ela ter partido tão cedo, tão cheia de sonhos, tão cheia de vontade de viver, com tantas coisas por realizar. E, apesar desse sentimento de injustiça, também sou grata à vida por ter me proporcionado conviver com Thaís e por ter aprendido tanto com ela. Hoje, organizar esse dossiê junto de outras pessoas que, assim como eu, tiveram o privilégio de conviver e conhecer o melhor da Thaís é uma mistura de alegria, saudade e gratidão. Thaís deixou um grande legado e no que depender de nós, ele seguirá vivo por muitos anos. Obrigada, Thaís.

Eduardo Ramos

Conheci Thaís nos corredores da UERJ. Eu cursava a graduação em Ciências Sociais e ela concluía o doutorado na mesma instituição. Fazíamos parte do Laboratório de Análise da Violência (LAV-UERJ): eu como bolsista de iniciação científica, ela já como uma pesquisadora reconhecida no grupo. O que mais chamava a atenção era o contraste entre sua juventude, a voz baixa e a autoridade técnica que exercia com naturalidade. A temática da segurança pública e violência era dura, mas ela transitava por ela com propriedade.

Meu primeiro contato mais próximo ocorreu na pesquisa que deu origem ao livro “Determinantes do uso da força policial no Rio de Janeiro”. Thaís era a coordenadora de campo. Cabia a ela organizar o envio das equipes para todas as unidades da Polícia Militar do estado nos horários de troca de turno, às seis da manhã e às seis da tarde, além de oferecer suporte às inúmeras situações que surgiam no percurso. Ela lidava com tudo: resistência de comandantes em receber a equipe, questionários extraviados, pesquisadores perdidos na Baixada Fluminense e até crises de choro de integrantes que ficaram retidos em áreas conflagradas. Eu mesmo precisei ligar para Thaís quando, ao chegar para aplicar os questionários, uma arma caiu no rancho e disparou. Felizmente, ninguém foi atingido.

Como se não bastassem os desafios operacionais, o trabalho foi atravessado pelo desaparecimento de Amarildo, na Rocinha. O episódio tensionou profundamente o ambiente nas unidades policiais e tornou a coleta ainda mais delicada. Nesse contexto adverso, Thaís manteve a condução do projeto com firmeza e serenidade. Mesmo com a saída de parte da equipe, conseguiu levar a pesquisa até o fim. E, embora estivesse na coordenação, não hesitava em ir a campo quando necessário.

Em meados de 2017, Thaís ingressou no Ministério Público do Estado do Rio de

Janeiro para liderar a criação de um centro de pesquisas. A iniciativa tinha como propósito produzir estudos de forma “neutra e apolítica”, ampliando a visibilidade e a transparência do MPRJ. Além de fortalecer o diálogo com a academia e com a sociedade civil, o centro buscava qualificar a atuação institucional, tanto ao mapear temas que integravam suas atribuições quanto ao examinar criticamente seus próprios procedimentos, identificando gargalos, limites e possibilidades de aprimoramento.

No Ministério Público, Thais conduziu pesquisas em diversas frentes, como pessoas desaparecidas, conselhos de mulheres, sistema prisional e crianças em situação de vulnerabilidade, etc. A amplitude de atribuições do MP permitia que uma variedade de temas fosse objeto de investigação. Ao mesmo tempo, essa mesma abrangência trazia limites práticos e políticos: o fato de um tema estar dentro do escopo institucional não significava, necessariamente, que sua investigação fosse simples ou isenta de resistências.

Nesse período de convivência diária, batendo ponto e cumprindo quarenta horas semanais no escritório, pude acompanhar de perto a disciplina e a dedicação de Thais. Ela estava sempre disposta a iniciar um novo projeto, a ler e comentar os textos dos colegas, a discutir ideias com entusiasmo e a compartilhar as pesquisas em que estava envolvida. Havia nela uma energia constante de trabalho, mas também uma generosidade intelectual.

Conciliando espírito acadêmico e traquejo político, Thais esteve à frente do centro de pesquisas por quase dois anos. Nesse intervalo, as prioridades internas do *parquet* se deslocavam com frequência e a própria configuração do projeto era objeto de ajustes sucessivos, por exemplo, o nome do centro foi alterado três vezes. Mesmo diante dessas reorientações, ela preservou a coerência metodológica dos estudos e a integridade da proposta inicial. Alguns dos trabalhos conduzidos nesse período serviram de base para artigos desse dossiê.

Com a saída de Thais do Centro de Pesquisas, em 2019, e, pouco depois, a chegada da pandemia, acabamos nos afastando. Passamos a trocar apenas breves mensagens e curtidas nas redes sociais. O contato se tornou mais esporádico e nunca mais foi o mesmo.

Apesar do distanciamento, nossos caminhos voltaram a se cruzar ao longo do meu doutorado, quando passei a pesquisar audiências de custódia e tortura. Nas entrevistas com atores institucionais, o nome de Thais surgia com frequência. Ao buscar referências fundamentais sobre o tema, seus trabalhos apareciam de forma recorrente. E, nos congressos, (re)encontrava pessoas que haviam compartilhado trajetórias com ela, como Gorete, Ludmila e Giane. De algum modo, mesmo sem contato direto, Thais permanecia presente na minha formação e no percurso da pesquisa.

Este dossiê é um reconhecimento dessa presença persistente, que segue aproximando pessoas, fomentando debates e contribuindo para que a produção de conhecimento sobre violência e justiça permaneça rigorosa, crítica. Obrigado, Thaís.

O DOSSIÊ

Este Dossiê reúne produções inéditas, textos inacabados e contribuições de pesquisadoras e pesquisadores que dialogam com o legado de Thaís Lemos Duarte, oferecendo um panorama de sua trajetória intelectual e de seu compromisso ético e político com o estudo da violência, da justiça e, sobretudo, do dentro e do fora da prisão. O texto de abertura já espelha essa trajetória. **Uma força que nos alerta: o legado de Thaís Lemos Duarte à Sociologia brasileira**, de Isabela Araújo, Ludmila Ribeiro, Eduarda Lorena de Almeida, Lívia Bastos Lages, Isabella Matosinhos, Ana Beraldo e Natália Martino, apresenta a atuação pioneira de Thaís na sociologia da violência e justiça, evidenciando a centralidade do feminismo, da colaboração e do cuidado nas pesquisas sobre prisões e criminalidade.

Em seguida, temos um bloco de trabalhos que exploram experiências concretas de violência e exclusão em contextos de encarceramento feminino. Em **Perpetradoras de “crimes mais bárbaros”: aprisionamento feminino, maternidade no cárcere e Marco da Primeira Infância**, Thaís Lemos Duarte analisa os desafios enfrentados por mulheres privadas de liberdade, especialmente no que se refere à maternidade e aos cuidados nos primeiros anos de vida. Essa contribuição foi gentilmente enviada por seu companheiro para que pudesse ser incorporada à coletânea, oferecendo aos leitores a oportunidade rara de acessar reflexões originais que permaneciam inéditas, revelando seu olhar agudo e sensível sobre os temas que permeavam sua pesquisa.

A discussão sobre as violências contra as mães que perduram na primeira infância se conecta diretamente com **Para (re)conhecer o nome: o combate ao sub-registro civil como política de enfrentamento à(s) violência(s) cotidianas**, de Tatiana Guimarães Sardinha Pereira, Clara Gomberg Faulhaber do Vale, Eliane de Lima Pereira e Roberta Rosa Ribeiro, que mostra como a ausência de registro civil reforça a invisibilidade de vidas e mortes, subtraindo direitos e apagando trajetórias. No final desse bloco, temos o artigo **Tecnologias precárias de acesso à justiça: as cartas de pessoas presas enviadas ao Ministério Público do Rio de Janeiro**, de Eduardo Ramos, Isadora Vianna Sento-Sé e Thaís Lemos Duarte, um texto que examina cartas enviadas ao Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro por pessoas privadas de liberdade e familiares, interpretando-as como “tecnologia precária de acesso à justiça” para narrar o cotidiano prisional e demandar direitos.

O outro bloco do Dossiê reúne trabalhos que analisam representações sociais do

crime e da violência. **Os muitos governos da pandemia: uma análise das gestões extra estatais da Covid-19 nas periferias urbanas a partir de narrativas da Folha de São Paulo**, Ana Beraldo, Giovana Bragança Santos, Mercêdes Santiago Silva, Thais Lemos Duarte, Natália Cristina Martino, Valéria Cristina Oliveira e Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro, investiga como a crise sanitária foi administrada em territórios urbanos, destacando atores extraestatais e suas repercussões sobre a população. Já em **“Fala do crime” e “fala da violação”: duas faces da violência estrutural no Brasil**, Thais Lemos Duarte, Maria Gorete Marques de Jesus e Giane Silvestre propõe a noção de “fala da violação” para analisar como familiares de vítimas de violência estatal transformam experiências contínuas de violência em denúncia pública.. Por fim, **“O silêncio é um amigo que nunca trai”? Narrativas de atores públicos paulistas e mineiros sobre a ação do PCC**, de Thais Lemos Duarte e Giane Silvestre, aprofunda a análise da percepção institucional sobre o crime organizado, refletindo sobre como interpretações sociais, jurídicas e midiáticas se entrelaçam.

Para além dos artigos contidos no Dossiê, apresentamos o texto **Prisões e afetos. Um estudo sobre famílias de presos**, de João Trajano de Lima Sento-Sé, na seção Temas Livres da Revista, que retoma o tema das relações afetivas e familiares em contextos de encarceramento, reforçando a relevância das contribuições de Thais para um campo ainda em expansão.

Queríamos, por fim, destacar que esse Dossiê não é apenas um registro de produções acadêmicas, mas um espaço de memória e continuidade do trabalho de Thais Lemos Duarte. Cada texto, seja inédito, inacabado ou fruto de colaborações, carrega fragmentos de seu olhar, de sua ética de cuidado e de seu compromisso com a justiça social. Ao percorrer estas páginas, a/o leitor/a é convidada/o a testemunhar como suas reflexões sobre violência, justiça, encarceramento e afetos permanecem atuais, inspirando novas pesquisas, práticas e redes de solidariedade. Que a potência de seu legado continue a atravessar instituições, debates acadêmicos e vidas, lembrando-nos de que a produção do conhecimento e o engajamento político caminham juntos. E que a história de Thais permanece viva em cada projeto, cada artigo e cada pessoa que ela tocou.

Referências

ACADEMY OF MOTION PICTURE ARTS AND SCIENCES. 97th Academy Awards (Oscars) – Ceremonies 2025. Oscars.org, 2025. Disponível em: <https://www.oscars.org/oscars/ceremonies/2025>. Acesso em: 9 out. 2025.

ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Abertura do 45.º Encontro Anual e Cerimônia de Entrega dos Prêmios ANPOCS de Excelência Acadêmica. YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zfMdjaM-Sf8>. Acessado em: 20 fev. 2026.

BBC NEWS BRASIL. Lula diz à BBC que não mantém relação com Trump e volta a criticar tarifas dos EUA. BBC News Brasil, 17 set. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4gkd-wlr54o>. Acesso em: 9 out. 2025

BRASIL se suma a Sudáfrica en el proceso contra Israel por genocidio en Gaza. El País (ed. América), 24 jul. 2025. Disponível em: <https://elpais.com/america/2025-07-24/brasil-se-suma-a-sudafrica-en-el-proceso-contra-israel-por-genocidio-en-gaza.html>. Acesso em: 9 out. 2025.

BRAUN, Julia. O que é a demência de corpos de Lewy, diagnosticada em Milton Nascimento. BBC News Brasil, Londres, 2 out. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cewnql2djo>. Acesso em: 9 out. 2025.

CESEC SEGURANÇA. Ministério Público: guardião da democracia brasileira. Ceseq Segurança, 2026. Disponível em: <https://cesecseguranca.com.br/livro/ministerio-publico-guardiao-da-democracia-brasileira/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

DUARTE, T.; JESUS, M. G. M. O caso Genivaldo Santos e a tortura escancarada. *Brasil de Fato*, 26 jun. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/26/analise-o-caso-genivaldo-santos-e-a-tortura-escancarada/>. Acesso em: 30 jan. 2026.

DUARTE, T.; JESUS, M. G. M. Prevenção à tortura: uma mera questão de oportunidade aos mecanismos latino-americanos?. *Revista Direitos Humanos e Democracia*, v. 8, p. 134-152, 2020.

DUARTE, T.; JESUS, M. G. M. Queremos pão e rosas. *Trincheira Democrática*, 1 jun. 2021. Disponível em: <http://www.ibadpp.com.br/novo/>. Acesso em: 30 jan. 2026.

DUARTE, T.; JESUS, M. G. M.; GOMES, M. S. Introdução – caminhos e descaminhos da prevenção à tortura: quais obstáculos devemos ultrapassar?. *Revista de Estudos Empíricos em Direito*, v. 8, p. 1-?, 2021.

DUARTE, T.; MARTINO, N.; JESUS, M. G. M. Por que precisamos falar sobre tortura?. *Justificando*, 21 jan. 2021. Disponível em: <https://www.justificando.com>. Acesso em: 30 jan. 2026.

DUARTE, Thaís Lemos. Meandros de um rio: Notas de uma vida atravessada. Thaís Duarte: escritinhadora errante, [s.l.], 24 mai. 2023. Disponível em: <https://thaisescritinhadora.blogspot.com/?m=1>. Acesso em: 24 fev. 2026.

FESTIVAL DE CANNES. O Agente Secreto. Cannes, 2025. Disponível em: <https://www.festival-cannes.com/en/f/o-agente-secreto/>. Acesso em: 9 out. 2025.

G1. Primeira Turma define punição de Jair Bolsonaro. G1, 11 set. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/09/11/primeira-turma-define-punicao-de-jair-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 9 out. 2025.

IBCCRIM. Lançamento do Curso: Desafios para enfrentar a tortura no Brasil [vídeo]. YouTube, [dia mês ano]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-6rtOUGxVfA>. Acesso em: 20 fev. 2026.

JESUS, M. G. M.; DUARTE, T. Como a pandemia escancara o cenário de tortura nas prisões. *Ponte Jornalismo*, São Paulo, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/artigo-como-a-pandemia-escancara-o-cenario-de-tortura-nas-prisoas/>. Acesso em: 30 jan. 2026.

JESUS, M. G. M.; DUARTE, T. L. Tortura? Como o mecanismo nacional preventivo brasileiro conceitua e analisa práticas de tortura em espaços de privação de liberdade. *Sociologias (UFRGS)*, v. 22, p. 228-260, 2020.

JESUS, M. G. M.; DUARTE, T. L.; GODOI, R. Espaços inabitáveis, discursos de torturabilidade: entrevista com Ignacio Mendiola. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 14, p. 883-899, 2021.

JESUS, M. G. M.; DUARTE, T. L.; GOMES, M. S. Tortura como oportunidade? Limites para responder um problema estrutural. *Opinião Jurídica*, v. 23, p. 1-26, 2024.

JESUS, M. G. M.; SILVESTRE, G.; DUARTE, T.; RONSBO, H. Mothers, protection and care amongst communities affected by torture and state violence in Brazil. *Journal of the British Academy*, v. 10, p. 97-116, 2022.

JESUS, M. G. M.; SILVESTRE, G.; DUARTE, T. Conceituações plásticas da tortura: disputas e consensos em torno dessa violência estatal. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (online)*, v. 38, p. 1-15, 2023.

JESUS, Maria Gorete M. de; SILVESTRE, Giane; DUARTE, Thaís Lemos. *Tortura como Marca Cotidiana*:

Narrativas Sobre os Serviços de atenção às vítimas de tortura desenvolvidos no Rio de Janeiro e em São Paulo. DIGNITY/NEV-USP/CRISP-UFGM, 2021.

LE MONDE. Beloved former Uruguayan president José Mujica has died at 89. Le Monde (English edition), 13 mai. 2025. Disponível em: https://www.lemonde.fr/en/international/article/2025/05/13/beloved-former-uruguayan-president-jose-mujica-has-died-at-89_6741249_4.html. Acesso em: 9 out. 2025.

MARQUES DE JESUS, M. G.; DUARTE, T. L.; GOMES, M. S. Experiências de prevenção à tortura na América Latina. *Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política*, v. 10, p. 165-183, 2020.

MARR, Bernard. A short history of ChatGPT: how we got to where we are today. Forbes, 19 maio 2023. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/bernardmarr/2023/05/19/a-short-history-of-chatgpt-how-we-got-to-where-we-are-today/>. Acesso em: 9 out. 2025.

NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA DA USP (NEV-USP). A luta contra a tortura é um dos primeiros movimentos de Direitos Humanos | Cidadania XXI 2.1. Episódio 2 [vídeo]. YouTube, 26 jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zePlpWV5ZnI>. Acesso em: 20 fev. 2026.

NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA DA USP (NEV-USP). Caminhos e Descaminhos: Da prevenção à Tortura. YouTube. Mesa 1 – 4pD_GUXJQ80 [vídeo]. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4pD_GUXJQ80. Acesso em: 20 fev. 2026. YouTube.

NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA DA USP (NEV-USP). Caminhos e Descaminhos: Da prevenção à Tortura. Mesa 2 – Pb7xnwJzYYY [vídeo]. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pb7xnwJzYYY>. Acesso em: 20 fev. 2026.

NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA DA USP (NEV-USP). Caminhos e Descaminhos: Da prevenção à Tortura. Mesa 3 – KYz7BpdW_Xg [vídeo]. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KYz7BpdW_Xg. Acesso em: 20 fev. 2026.

RIBEIRO, Ludmila Mendonça Lopes; DUARTE, Thais Lemos. Do processo penal colonial à reforma processual penal de 2008: análise sócio-histórica do Sistema de Justiça Criminal brasileiro. *Interseções*, v. 13, n. 1, p. 40-64, 2011.

RIBEIRO, Ludmila Mendonça Lopes; MATOSINHOS, Isabella; DUARTE (IN MEMORIAM), Thais Lemos. O PCC na percepção judicial: normalização da ordem pública?. *Sociedade e Estado*, [S. l.], v. 40, n. 03, p. e57406, 2025.. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/57406>. Acesso em: 20 fev. 2026.

RIBEIRO, Ludmila; DUARTE, Thais. O tempo dos Tribunais do Júri no Rio de Janeiro: os padrões de seleção e filtragem para homicídios dolosos julgados entre 2000 e 2007. *Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 2, n. 3, p. 11-37, 2009.

SANTOS, M. C.; JESUS, M. G. M.; DUARTE, T. Tortura no socioeducativo em tempos de pandemia. *Boletim Coletividades PPGS UFSCar*, 7 ago. 2020. Disponível em: <http://www.ppgs.ufscar.br/soci>. Acesso em: 30 jan. 2026.

SUPREME COURT OF THE UNITED STATES. Opinion – 25A169 (Decisão). Disponível em: https://www.supremecourt.gov/opinions/24pdf/25a169_5h25.pdf. Acesso em: 9 out. 2025.

THE GUARDIAN. Brazil president Lula and Trump face tariffs and sanctions. The Guardian, Londres, 6 out. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2025/oct/06/brazil-president-lula-trump-tariffs-sanctions>. Acesso em: 9 out. 2025.

THE GUARDIAN. Hermeto Pascoal, Brazilian jazz musician 'the Sorcerer', dies. The Guardian, Londres, 14 set. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2025/sep/14/hermeto-pascoal-brazilian-jazz-musician-the-sorcerer-dies>. Acesso em: 9 out. 2025.

THE GUARDIAN. Trump hosts tech dinner in Rose Garden with Elon Musk and industry leaders. The Guardian, Londres, 4 set. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2025/sep/04/trump-rose-garden-tech-dinner-elon-musk>. Acesso em: 9 out. 2025.

THE WHITE HOUSE. Addressing threats to the U.S. Washington, 24 jul. 2025. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/2025/07/addressing-threats-to-the-us/>. Acesso em: 9 out. 2025.

UNITED NATIONS NEWS. UN chief calls for global ceasefire, stressing food, fuel and health needs amid

escalating conflicts. UN News, 23 set. 2025. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2025/09/1165920>. Acesso em: 9 out. 2025.

VATICAN NEWS. Pope Francis dies on Easter Monday, aged 88. Vatican News, 14 abr. 2025. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/en/pope/news/2025-04/pope-francis-dies-on-easter-monday-aged-88.html>. Acesso em: 9 out. 2025.